

Reivindicações de jovens indígenas através do Rap

Autor:
Icharuy Alves Braz
Indígena Pataxó

Orientadora:
Carolina Tamayo Osorio

Coorientador:
Rafael Antunes Machado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM FORMAÇÃO
INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA

Belo Horizonte
2023



Resumo

Salve hayokunã dxaha iõp taputari, me apresento, agora, pataxó
Icharuy

Venho através do rap aqui falar o porquê das Reivindicações de
jovens indígenas através do rap eu pesquisei...

Quero falar da luta que meu povo tem a um tempão

Pela saúde, território e educação já que o rap faz a ponte e a
união

Resolvi usar as rimas como interpretação

E quero deixar avisado que o rap é uma das casas da juventude
indígena

Que usa o poder das palavras, é um elo, certamente, que forma
essa corrente

E meu desejo é mostrar isso pra toda gente, guardar nesse trabalho
também no coração

Que nosso rap também dá voz à reivindicação

Hoje canto pro mundo me escutar, mas o foco é que vejam o
mundo de onde aprendi a cantar

Através do olhar e de cada rima de quem luta
Com ritmo e poesia

Palavras Chave: Rap indígena; educação indígena; música indígena.



Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Niamisu e os Naô pela força que me deram para concluir o trabalho, a minha família por acreditar e sempre me dar força, em especial meus pais Cloves e Sirlene pois foram os primeiros a me incentivarem nos estudos.

Vejo minha formação como uma batalha vencida e uma realização para meus pais e minha esposa Thayris e meus filhos Ykenahã, Keykahey e Ykeytxanã, que sempre estiveram ao meu lado, pela força que tiveram mesmo nas horas em que estive ausente e por sempre me incentivarem nas horas difíceis.

Ao meu povo, por sempre estar na luta e resistindo. Tenho orgulho de ser indígena pois amo minha cultura e minha tradição. As lideranças que lutaram e que lutam pelo nosso direito de estudar na faculdade.

À professora Carolina Tamayo por aceitar me orientar, obrigado pela paciência, persistência e por acreditar no trabalho, mesmo diante dos momentos que tive que me ausentar. Ao meu coorientador Rafael Machado por acreditar no trabalho, pela dedicação e cuidado em me ajudar. Aos professores, pelos ensinamentos e correções que foram de suma importância durante o curso, pelos conselhos e ajuda que foram necessários para que eu alcançasse meus objetivos.

A todos que participaram direta ou indiretamente deste trabalho e das minhas pesquisas, enriquecendo ainda mais minha caminhada, em especial aos rappers e suas músicas, assim como ao próprio rap pois é mais que um estilo musical, é cultura, educação é luta e defesa para aqueles que precisam.

Aos meus colegas de curso pela troca de experiência, pelo companheirismo e pela amizade durante esses anos, pelas trocas de conhecimento e momentos de descoberta e aprendizado. Em especial a Ahnã que foi uma das pessoas fundamentais na turma, tanto como colega, quanto como representante do Cacique Romildo, liderança da minha aldeia e meu colega de turma. Agradeço pelo incentivo, confiança e ajuda.

À Universidade federal de Minas Gerais (UFMG)/Faculdade de Educação (FaE), assim como todos que fazem parte do FIEI, pelo espaço que nos disponibilizaram, pelo cuidado e respeito ao ouvir as nossas demandas, respeitar os nossos direitos e pela paciência que tiveram.

As aldeias e territórios que somaram para meu aprendizado e até hoje são resistência e força na luta.



Dedico esse trabalho a meu povo e todos aqueles que
buscam melhoria pelas rimas e melodias do rap¹.

¹ Todas as imagens deste Trabalho de Finalização de Curso são da minha autoria, Icharuy Braz.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	5
Memorial.....	6
CAPÍTULO 2	12
Os rappers, as suas músicas e que elas reivindicam desde meu olhar.....	12
2.1 Isaque Pataxó	12
2.2 Kae Guajajara	16
Minha Voz.....	17
2.3 Bro Mc's.....	19
2.4 Wes Tupinambá	22
CAPÍTULO 3	26
Reivindicações dos jovens indígenas através do rap: Território, Saúde e Educação...26	
Referências Bibliográficas.....	30
ANEXOS.....	31

CAPÍTULO 1

Memorial

Eu me chamo Icharuy Alves Braz, tenho 26 anos, sou filho de Cloves Braz e Sirlene maria Alves Braz. Moro na aldeia Imbiruçu, localizada no município de Carmésia, onde nasci, estado de Minas Gerais. Até os meus nove anos de idade morei na aldeia Retirinho e, desde os 2 anos de idade, frequento a escola pois meu pai era professor e minha mãe trabalhava na escola.

Além disso, meus irmãos estudavam e, logo, eu era levado pois não tinha com quem ficar. Minha mãe conta que eu ficava com os alunos da pré-escola até a hora de ir embora. A escola era Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá que, na época, atendia a 3 aldeias já que cada aldeia com seu grupo familiar tem sua especificidade, mesmo sendo da mesma etnia, mas cada uma com sua metodologia de ensino e gestão de sua comunidade e escola. Tendo o endereço principal na aldeia Sede e o 2º endereço na aldeia Retirinho, onde estudava, mais tarde a comunidade da aldeia Imbiruçu recebe um prédio escolar e o 3º endereço da escola.

Em 2007 minha família foi embora para a aldeia Muã Mimãtxi, município de Itapecerica, onde concluí o ensino fundamental. Eu me lembro de preferir as matérias de conteúdo diferenciado indígena como Arte e Cultura, Língua Indígena e Uso do Território além das aulas

práticas. Meu pai foi professor de Arte e Cultura e Uso do Território e, com ele aprendi muita coisa dentro e fora da sala de aula. Através dele desenvolvi meu gosto pelo desenho, histórias e música da nossa cultura. Na época em que concluí o ensino fundamental não havia ensino médio na escola da aldeia e, assim, iniciei o 1º ano na cidade.

Nessa época comecei ouvir mais raps e aprofundar mais na história dos cantores e nas letras das músicas. Em dezembro de 2012 retornamos para Carmésia e, chegando aqui, comecei cursar o 2º ano na cidade na Escola Estadual José Vieira da Silva.

Arte e cultura, herança

Entre mesa e parede, história e fogueira
Entre melodia e desenho reverencia a natureza
Aprendi a cantar a contar nossa história cultura os ganhos as perdas
E você estava lá um mentor professor
Um guerreiro que aprendeu a usar a arte
Repassando conhecimento antigo
Ensorado que nossa cultura é viva em toda parte
Em frente ao quadro seu desenho se torna lembrança
Trouxe tanta vivência com cada uma de suas andanças
Oh, seu zé Braz, oh dona Maria, seu filho ensina e tem o dom
Olha quem diria faz de qualquer lugar escola tipo os antepassados
Faz do desenho sua escrita
Cria com maracá ou tinta a cultura, informa o homem
O ato de ensinar te eterniza
E assim quero passar o que me ensinou através do ritmo e poesia
2 das 7 artes que aprendi a fazer além da minha cultura tem um pouco
de você
Nos traços de um desenho naquele verso que escolhi dizer
Referência me ensinou o caminho pra seguir, vivência sabe o que dizer

E o que guardar pra si

Arte cultura e tradição anota na mente guarda no coração
Traz consigo as honras que lhe deram o nome de senhor
Disse arte não é só talento também amor guardo o ensinamento que
passou
Salve, Txahu, meu pai e professor
Notório seu saber, com certeza, formação feita na natureza
Sabe que ensinar na sala é preciso, mas prefere uma conversa
Em volta de uma fogueira, um canto daquele antigo no awê pra lua
cheia
Nossa cultura não tem preço, mas é uma grande riqueza.²

Em 2013, sentindo a necessidade de mais espaço, a comunidade da aldeia Retirinho fundou a aldeia Encontro das Águas na mesma terra indígena, mas em outro local. Fomos morar lá e presenciei o começo da aldeia entre as aulas na parte da manhã e o trabalho à tarde para a limpeza do local, até a construção das casas e de um prédio escolar. Lembro que, antes dos prédios, os pés de jabuticaba eram as salas de aula.

Em 2014 me formei no ensino médio e foi um período de bastante descobrimento na minha vida, pois percebi o que significava ter “um pé” na aldeia e “um pé” no mundo. Foi ali, em 2016, que

² Trechos em que a grafia possui o tipo de lera “Kristen ITC” representam composições de minha autoria, Icharuy Braz.

começaram a surgir ideias de *rap* indígena, pois senti que perdi muito da minha vivência como indígena pataxó, já que estudava na cidade. Exemplo disso eram as aulas de língua indígena, um dos conhecimentos que o povo pataxó tem como prioridade, e por outro lado, notei que precisava de alguns conhecimentos não indígenas que se somariam ao conhecimento tradicional.

Comecei a trabalhar na escola com as turmas de 6º a 9º ano dando aula de geografia e atuei como professor até o começo do ano de 2017 quando comecei a trabalhar como secretário escolar. No ano de 2018 houve o desmembramento da escola e deixamos de ser 2º endereço e criamos a Escola Estadual Indígena Āgoho Kuāp Pataxó, quando fui nomeado diretor. Essa foi uma experiência muito forte da qual tenho muitas lembranças de momentos de realização e momentos de luta, também. Uma passagem que não me esqueço foi a luta pela criação de uma matriz curricular diferenciada pois usávamos uma matriz não indígena que, ainda, deixava a desejar quanto a parte diferenciada da nossa escola. Conseguimos fazer toda a estrutura, contemplando as disciplinas, a carga horária, os componentes curriculares e conteúdos a serem lecionados, tudo isso com a nossa especificidade e o nosso jeito.

Em 2019 fiz o vestibular de Formação intercultural para Educadores indígenas (FIEI) para área de Ciências da Vida e da Natureza (CVN), na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Conseguir passar e, por isso, tive que deixar a diretoria, que é um cargo que demanda mais responsabilidade

e presença, e assumi o cargo de professor do ensino médio lecionando as aulas de ciências.

Durante minha trajetória profissional, sempre me inspirei muito na medicina tradicional, nas histórias, nas lutas e na tradição do meu povo, sempre procurando me aprofundar e aprimorar os conhecimentos que aprendi. Essa foi uma das razões para cursar CVN no FIEI.

Rap de Riqueza

No caminho sigo focado, deixo meus passos
Minha mente é o compasso onde desenho até o fim
Na história, sigo o meu salto atemporal
E se eu falo do ancestral também “tô” falando de mim
Licença para chegar tipo na mata, não tenho medo
Mas aprendi respeitar a hamãy
Licença, vou chegar para reforçar
A luta dos parentes que tiveram que partir
É que eu chamo de vivência ou de verdade
E tem aqueles que vão tentar me diminuir
Ando meio sem paciência ou sem vontade
Para conversar com gente desse tipo aí
Cantando sempre minha cultura e história
Que junto com a família eu sempre vou falar

Essa é minha riqueza daquele jeito sem preço
Incapaz de ser trocada ou comprada pelo Kayãbá
Encontro a minha paz cantando aquele awê em homenagem a ãgohó
txibá
Ensinandos kitok que nossa história, vitórias e lutas sempre vão ser
Motivo pra se orgulhar
Sempre corri na mata de nada sem medo, querendo nada além do que
eu precisar
Também corro na rua minha música é pro mundo
Feita do mundo de onde aprendi cantar
Então minha riqueza é tudo que aprendo cantando fazendo rap sim
Então minha riqueza é sorriso de mãe alegria de cada kitok daqui
Então minha riqueza é o brilho do vermelho do urucum estampado na
pele
Pra niamisü minha prece hype não me apetece se precisar de flecha
Eu tenho 7 pedidos “pros” naô tenho meu maracá e o arrepió quando
começo cantar
Lembro daquele samba morena não vou lá
A onda do mar lá fora ela pode matar
Então hamíá jokana guerreira tão grande quanto sua história só sua
beleza
É lua de fases que o céu clareia e as vezes hemügäy força da natureza
Rjmando sempre minha riqueza conhecimento, ciênciça da vida

Reverência a natureza vivencia de um povo na escrita.

Infelizmente, após o primeiro módulo, veio a pandemia.

O começo da pandemia da Covid-19, em 2020, foi muito turbulento com a paralisação das escolas e a suspensão do módulo, sinto que perdemos muito, pois tivemos muita dificuldade com as aulas remotas por vários fatores como a falta de internet e de energia elétrica – principalmente quando chovia –.

A preocupação quanto ao ensino dos nossos alunos nos rondou o tempo todo, pois tivemos que estudar dobrado para tentar fazer o Programa de Educação Tutorial (PET) de uma forma que nossos alunos compreendessem e conseguissem realizar as tarefas. principalmente aqueles estudantes com mais dificuldades já que iam ter que resolver em casa sem ajuda direta do professor. Outro fator que nos trouxe medo foi a insegurança quanto a nossa saúde. Também tive dificuldade com as plataformas de estudo e a falta de um lugar próprio como a sala de aula para tirar dúvidas e debater sobre os trabalhos em certos momentos, mas também foi um momento onde busquei novos conhecimentos. Um deles foi a produção de RAP pois, com tempo livre, comecei estudar mais e produzir algumas músicas e vídeos.

Programa de Educação Tutorial (PET) foi a medida adotada para que os alunos não ficassem sem aula. Tivemos muitas dificuldades, principalmente pelo fato dos alunos estarem em casa tendo que aprender praticamente sozinhos nos preocupavam muito. As aulas on-

line eram uma realidade bem distante das famílias da aldeia por dificuldades com internet ou a falta dela e com os aparelhos necessários quem nem todos tinham.

Em 2021, meus pais decidiram se mudar para a aldeia Imbiruçu, lugar onde moraram quando vieram de Barra Velha e começaram suas vidas aqui, em Minas gerais, em 1987, e onde alguns dos meus irmãos nasceram. Logo em seguida também me mudei para essa aldeia junto da minha esposa e filhos.

Nesse mesmo ano, 2021, decidi participar de um concurso de rap pela internet promovido por uma gravadora chamada “1 minuto de rap” em que o prêmio para o primeiro lugar era uma produção musical paga, além da ida até São Paulo para gravar. Fiquei em primeiro lugar no concurso e gravei a música “Real brasileiro”. Essa foi uma experiência muito boa, pois pude conhecer a parte de logística e produção de música dentro de uma gravadora além de ver muitas letras de rap diferentes e formas de falar também. Nesse momento, a comecei focar no rap como forma de mostrar nossa vivência e nossas lutas assim também encontrei meu modo de escrever sempre falando da minha vivência e cultura além da luta dos povos indígenas.

A seguir a música “Real brasileiro” composta por mim, basta dar click nesta imagem e você será direcionado ao canal de YouTube em que a música está disponível³:



Para fechar esta fala sobre mim, o farei como rap, é assim como eu jovem indígena pataxó escolho fechar uma escrita que diz sobre a minha trajetória, minha família, mas que, antes de mais nada, diz da minha herança.

³³ Usaremos desta estratégia na escrita desta pesquisa para todas as músicas que serão foco de reflexão, acreditando na importância de ouvirmos e sentirmos a músicas interpretadas e escritas por cada um destes jovens rappers indígenas, toda vez que acreditamos na potência da uma escrita que seja capas de dançar ao ritmo do rap. Caso um leitor se interesse pelas transcrições das músicas as compartilhamos nos anexos.

O arco do meu ser

Faço o que faço por amor pela arte
Por ser quem sou em todo canto em toda parte
Vejo meu povo em cada ano, cada fase que “nois lutou”
Rap é raiz e eu sou fruto de um galho, tipo Oscar Niemeyer um arquiteto nato
Construindo a ponte entre aldeia e mundo
Vejo dois horizontes e penso no futuro
Entre o barro e concreto, vivências e versos
O que eu tenho o que eu quero e por que lutar
“Tô” chegando esperto onde piso ando quieto
Não é meu, eu não quero, vou respeitar
Ouvi o chamado dos não da natureza
A minha mãe tem força além de beleza
Disse pra mim “Pega esse beat aí e rima nossa luta com verdade e clareza”
Então lembrei que um dia um velho disse
Seja como um arco volte no passado
Lembre cada luta e ensinamento da nossa gente
Vai ser a força pra acertar o objetivo no presente
Trago o rap e minha cultura dentro do coração
Com o beat e o maracá passando minha visão
Se o rap de alma é raro não vou rimar em vão
Com versos ou com minha flecha faço reivindicação
Posso fazer você se render então
Posso fazer você repensar a questão

Por que descobrimento e não invasão?
Nunca vai ser pelo ibope cultura hip hop
pakhê pataxó rap defende os que sofre
Sistema invade pelas leis e segue aplicando seus golpes
E se a luta é pela vida eles pagam pela morte
Sei niamisü mätxó então não dependo de sorte
Se ymamakä mätxó não dependo de sorte
Vou fazer um rap pra ãgohó txibá
Sou pataxó la da beira do mar
txihihäe xohä to em todo lugar
Não sou filho daqui nem aqui vou morar
Rei de batalha tá na hora eu vou caçar
Busco vitória meu hähäw pra hamíá
Sigo o compasso meu antepassado é o livro
Nele leio e conto um causo passo a passo
Sigo o que aprendo repasso pataxó é o mar seu conhecimento não é raso
Brasil, meu quintal, seu descobrimento são falso, fato, caço espaço pro que falo
Pra aprender também me calo
Vitória no futuro pelas lutas do passado
Aldeia e mundo penso logo tenho de cada um algo
Sigo pintando essa cena de urucum e jenipapo
Volume alto enquanto lanço verso raro
Faço pra somar na mente enquanto soma no meu saldo
Abrindo espaço vê meu som toca na rádio palco pra mostra minha arte
Na TV ser convidado
Sei posso voar por isso sonho alto
Sei que é difícil de alcançar por isso vou correr dobrado.

CAPÍTULO 2

Os rappers, as suas músicas e que elas reivindicam desde meu olhar

O rap e seus subgêneros são novos em alguns territórios indígenas, dado o preconceito e marginalização do gênero musical. O estilo musical não era comum entre comunidades indígenas, até surgir o primeiro grupo de rap indígena do Brasil, o grupo Brô Mc's, da etnia guarani e kaiowá. Nas aldeias em que morei quase ninguém ouvia o gênero e havia um pensamento passado por não indígenas de que o rap era “coisa de vagabundo”, constantemente associado com o crime, de uma forma negativa. Somente agora o rap está começando a ser visto como uma forma de resistência e luta, principalmente quando entendemos que, assim como os cantos tradicionais indígenas, são ritmo e poesia, onde podemos denunciar o que nosso povo sofreu e sofre desde o tempo da invasão. Ainda, podemos falar da nossa cultura, conhecimentos e dos direitos que conquistamos e os que ainda faltam para conquistar.

A seguir estão alguns rappers indígenas que escolhi apresentar, pois suas músicas mostram reivindicações por saúde territorial e educação. A escolha desses rappers veio por suas letras, por suas histórias e por serem referência no que diz respeito a resistência e representatividade indígena no rap. Escolhi uma música de cada para

mostrar como fazem essas reivindicações e como cada um trata de cada tema no rap.

2.1 Isaque Pataxó



Figura 1: Akuã Mc
Fonte: <https://images.app.goo.gl/dg2H9cqq1ey6RLyn6>,
acesso em 22 ago 2023.

Akuã Mc, nome indígena e artístico de Isaac Pataxó, é um cantor e compositor oriundo da aldeia Coroa Vermelha na Bahia. Akuã teve os primeiros contatos com a música em um projeto social, Projeto Arco Íris, onde fez aulas de música utilizando o violão. Teve um bom aprendizado

e ganhou seu primeiro violão novo em um concurso de calouros no Instituto Federal da Bahia – IFBA Porto Seguro – e, de lá pra cá não parou mais. Fez parte do grupo de louvor da igreja, arriscou algumas letras, participou de alguns concursos de música estudantil, em que venceu alguns.

A ideia de trabalhar a Cultura Pataxó foi através da necessidade de trazer a cultura e a língua para os tempos atuais. Akuã Mc lançou algumas letras e teve sucesso, tanto que. Hoje, suas músicas estão em diversas plataformas como o Spotify, YouTube. Akuã Mc segue na luta cantando e levando sua mensagem. E para retribuir tudo o que Niamissun (Deus) o proporcionou iniciou o projeto “Mais Amor” que já está atendendo crianças Pataxó, onde ensina aulas de violão, cidadania e culturalidade. “Eu tive uma visão de trazer minhas influências culturais meus gostos musicais e unir com a minha cultura e linguagem criando uma nova forma de expressão Pataxó, trazendo nossa cultura para um gênero atual sem perder os aspectos originais de nossa cultura” conta em entrevista ao portal Povo Pataxó⁴.

Tokêrê ver os kitok Txây⁵

(quero ver os meninos bem)



Na minha visão essa música passa uma ideia de um território próprio e demarcado onde os povos começam a recuperar a terra, as matas e se reconectar com eles. Sempre que chegamos em um lugar novo a primeira coisa é ver como está, se a terra está boa para plantar se os rios ou lagos estão bem para a pesca e tomar banho, se as nascentes estão fortes e limpas e, só depois, vamos plantar nossas

⁴ Entrevista na íntegra disponível em <https://povopataxo.wordpress.com/personalidades-2/>. Acesso em 22 Ago 2023.

⁵ Letra de música disponível no Anexo 1.

plantas medicinais, fazer nossas roças, deixar os filhos nadarem e pescarem. Tudo isso é uma das formas de se obter saúde.

Essa música serve de desabafo para muitos jovens indígenas que hoje em dia não tem um rio para nadar ou pescar ou até mesmo para alguns que não conhecem rituais e tradições de seus povos que envolvam tempos de plantio/colheita, caça e pesca, eu vivi isso quando morei na aldeia Muã Mimatxi em que há o ritual das águas, um ritual que celebra a chegada do tempo das águas para os pataxós. Ao final desse ritual todos celebramos com o banho de lama e, depois, a caída na água que era feita nos rios e lagoas antigamente. Entretanto, em Muã Mimatxi os córregos do território eram poluídos e tínhamos que encher caixas de água para fazer esse banho.

Indígena ilimitado⁶



NUHÃTE⁷



⁶ Letra da música anexo 2.

⁷⁷ Letra da música anexo 3.

Somente aquele que faz sua arte sabe o sentimento e vivência que quis passar, desse modo irei escrever o que sinto e o que interpreto não que seja a verdade absoluta, mas sim o que entendo.

A música “NUHÃTE” de autoria de Akuã Mc traz a referência a força do povo indígena e a um assunto que está diretamente ligado com a questão território que é a defesa da natureza e do povo indígena, como no verso que diz “contra o marco temporal PL 490 grana é bom e vocês gostam, mãe natureza lamenta”.

Assim também nos chama a atenção para a educação, uma vez que muitos indígenas não têm entendimento de leis e projetos destinados aos povos indígenas, por isso lideranças lutam cada vez mais por um ensino específico indígena para que nossos jovens aprendam nossa cultura na escola e por mais indígenas em universidades para que possam se tornar futuros médicos, professores, advogados, dentre outros.

Muitas vezes indígenas sofrem preconceito quando vão em hospitais, escolas, universidades a reivindicação de educação é justamente para que se acostumem e aceitem ver nosso povo ocupando cargos elevados, pois hoje vemos que a educação é uma estratégia de resistência dos povos indígenas vemos isso também no verso da música “Indígena ilimitado” de autoria de Akuã que diz “são muros e muros seguimos quebrando, são vários dos meus que estão se formando, retomando faculdade ocupando os espaços colecionam preconceito normalmente em um frasco”.

Assim, destaco também lideranças indígenas na educação como

a Mestra Japira pataxó diplomada por notório saber pela UFMG, Dona Liça Pataxoop educadora e liderança da aldeia Muã Mimatxi além de outras jovens lideranças como Txai Surui líder indígena e ativista. Vemos que a educação é reivindicação no rap quando na mesma música vemos o relato “lutamos pela igualdade racial mas também pela equidade racial, temos diversidades respeite nossa cultura nossas crenças e nossos sagrados”. Dessa forma, entendo que o rap leva essa mensagem e que chama a atenção a assuntos como esse que, na minha visão, deve ser ensinada, principalmente em escolas não indígenas. Ensinar sobre o racismo, o direito de todas as raças e que todos tenham seus direitos respeitados além do respeito a especificidade de cada povo.

2.2 Kaê Guajajara



Figura 2: kaê Guajajara

Fonte: <https://images.app.goo.gl/BwZ2apWfFJ98RQLeA>, acesso em 22 Ago 2023.

Kaê é cantora, compositora, atriz e ativista indígena, nascida em Mirinzal no Maranhão. Cresceu no complexo de favelas da Maré no Rio de Janeiro, tendo deixado o Maranhão aos 7 anos de idade por morar

em um território não demarcado e o conflito com madeireiros ser constante. Kaê fundou o grupo de rap “Crônicos” que denunciava, nas letras, as violências vividas na comunidade. Ao seguir carreira solo, pensou em fugir das questões indígenas em seu trabalho, mas logo percebeu que sua arte poderia ajudar nas lutas pelas causas indígenas. Kaê é fundadora do Coletivo Azuruhu e autora do livro *Descomplicando com Kaê Guajajara – O que você precisa saber sobre os povos originários e como ajudar na luta antirracista*.

Território Ancestral⁸



⁸⁸ Letra da música anexo 4

Vejo nessa música uma reflexão sobre a falta da terra e o contato com nosso território onde o “sentir falta de mim” traz a questão emocional e psicológica de quem está longe da família, do território e de sua tradição. Estudantes, por exemplo, quando vão para faculdades longe de sua aldeia e família e desistem por sentirem tanta falta que desenvolvem depressão, ansiedade e tristeza.

Além disso, em vários livros e tópicos sobre indígenas vemos como só falam de quantos foram mortos e como sua língua ou povos foram extintos, assim como a ideia do “índio de verdade” que tanto é idealizado pelos não indígenas.

Minha Voz⁹



⁹ Letra da música anexo 5.

KA'É HU¹⁰



Na música “MINHA VOZ”, de autoria de Kaê Guajajara. “Ainda vejo seus olhos atrás de mim, Seus tiros ainda me seguem” há citação de como a perseguição aos indígenas afetam as novas gerações até os dias de hoje, principalmente a aqueles que buscam melhorias para seu povo e, também, nos casos onde um povo sofre com a tentativa de roubo de seu território por parte de grileiros, milicianos, garimpeiros, dentre outros.

¹⁰ Letra da música anexo 6.

Outros versos importantíssimos são “vem manter o espírito intacto sem arara cantando” mostra como é difícil ficar com o espírito tranquilo longe do seu território, já que araras passam toda manhã e tarde em alguns territórios, em suas raízes.

No verso “Vem manter o espírito intacto sem Água jorrando” há crítica ao saneamento básico que falta em muitas aldeias e muitas vezes na cidade, também, especialmente para indígenas que moram nas favelas, retratando a triste realidade de indígenas que não possuem direito a saúde pela falta de saneamento básico.

Há de se mencionar, ainda, o desrespeito dos “brancos”. Um exemplo claro deste fato é o rompimento da barragem de mineração da Samarco/Vale/ BHP, em Mariana-MG. Os impactos desta tragédia trouxeram prejuízos ambientais, sociais e econômicos. Um dos povos mais atingidos foram os Krenak – cujas terras encontram-se às margens do rio, o qual denominam Uatu (Rio Sagrado/Rio Grande/Rio Doce). As famílias ficaram sem água potável, impossibilitando as atividades sociais, de educação, saúde, cultura, religião, economia e lazer, como afirmam Fiorrot e Zaneti (2017). Até mesmo rappers não indígenas denunciaram esse crime e cobram até hoje por uma saúde de qualidade pelos atingidos.

Destaco aqui o verso que diz “Vem manter o espírito intacto sem comida chegando”, uma referência a miséria onde muitos povos ainda sofrem com a fome e a falta de saúde. A malária, desnutrição e a escassez de alimento é uma realidade que infelizmente ainda está muito presente nos dias de hoje, um retrato deste fato é os Yanomami

que passam por uma crise sanitária que já resultou na morte de 570 crianças por desnutrição e causas evitáveis nos últimos anos, segundo Justino (2023) . Outro pedaço é “Seu maior medo é estar na minha pele” referente ao fato de o povo indígena carregar uma história de luta e massacres logo os “brancos” nem pensam em passar pelo mesmo.

No trecho “Um plano em percurso no tempo, Foi vários de nós que virou pardo naquela fila” acredito que o termo “pardo” na música se refere a “perder a origem”. Nossos velhos eram chamados de “cabocos” e “baianos”, um jeito de dizer que não éramos mais indígenas, que os “verdadeiros” indígenas eram aqueles que viviam em 1.500. Ainda hoje essa mesma ideia, mas com indígenas sem território.

Assim destaco o porquê da ideia de o direito ao território ser uma das principais, se não a principal reivindicação. Outra música é a “KA’E HU” também de autoria da Kaê Guajajara, trazendo reflexões significativas para vários tipos de público. No primeiro verso “Eu era uma guerreira Conectada com o todo Recebendo através dos meus sonhos Missões dos meus ancestrais” vemos logo um ressalto da importância dos nossos antepassados e nossas tradições.

Olhando para o futuro, vejo como uma forma de dar continuidade a toda luta enfrentada antigamente, a retomada da missão dos nossos ancestrais de viverem em paz em sua terra. As músicas da Kaê são sempre cheias de ensinamentos que constroem ideias e derrubam preconceitos. Suas letras também educam e são referência de rap indígena para as juventudes, como no verso que diz: “A falta da ref me fez criar um estilo novo. A falta do rosto me fez achar que eu tava

morto, A falta de direitos me fez entender quem eu sou de novo".

Esse jeito de reivindicar das juventudes indígenas mostra o uso da tecnologia para ensinar e falar de velhas questões que pautamos na luta indígena e que, quando nos vemos sem território, saúde ou educação, entendemos que vivíamos livres nessa terra antes da invasão. Não somos estrangeiros ou ladrões e que cada um desses direitos pertence e sempre pertenceu a nós.

Não deveríamos reivindicar porque isso é por obrigação nosso povo ter.

2.3 Bro Mc's



Figura 3: Bro Mc's

Fonte: <https://images.app.goo.gl/KtpdKeKoQt1fP5PE6>,
acesso em 22 Ago 2023.

Brô Mc's é considerado o primeiro grupo de rap indígena do Brasil formado em 2009 por integrantes indígenas Guarani e Kaiowá são eles Bruno Veron (Bruno VN), Charles Peixoto (CH), Clemerson Batista (Tio Creb) e Kelvin Mbaretê, indígenas residentes nas Aldeias Bororó e Jaguapiro, localizadas na Reserva Indígena de Dourados no Mato Grosso do Sul, segundo Wikipedia (2023).

O Brô Mc's une elementos do rap e da música indígena da etnia de seus integrantes e mistura o português e o guarani para expressar a cultura originária em suas canções. As letras de suas músicas citam a afirmação da identidade indígena e relatam as difíceis condições de vida que os povos indígenas vivem no Brasil, com abordagens sobre a luta pela demarcação de terras, o combate ao preconceito e denúncias sobre a violência e os altos índices de suicídio nas aldeias. A história do grupo Brô Mc's inspirou o roteiro do filme "A Pele Morta", que está em fase de finalização, segundo informações do portal Wikipedia (2023).

Eju Orendive¹¹

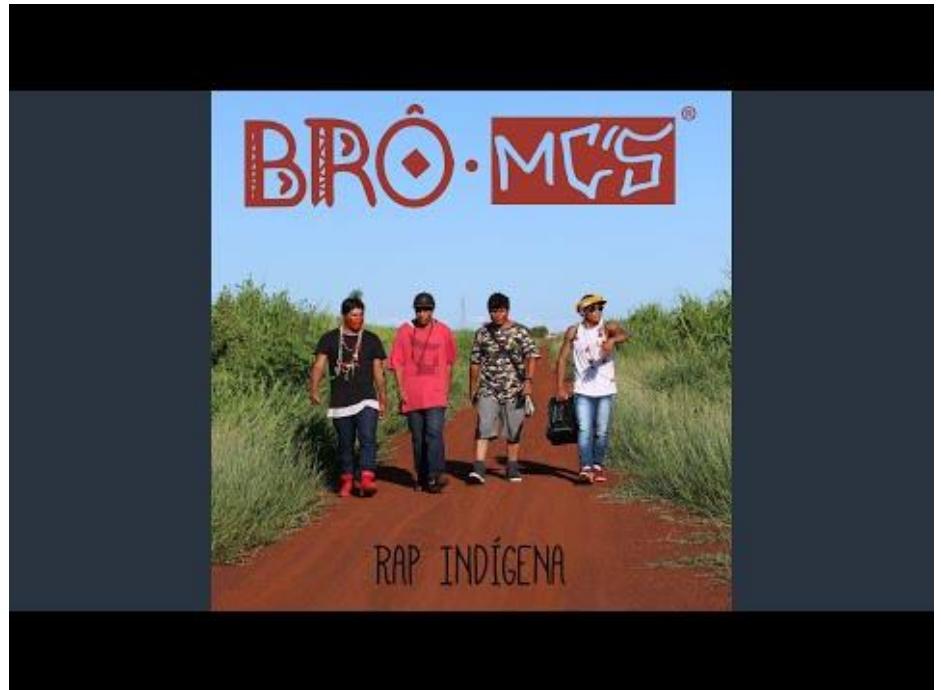


Essa música é um chamado de união para a luta pelo território, tanto para os povos indígenas se juntarem quanto para uma aldeia se unir. A falta de território e de recursos fazem os povos indígenas entrarem em conflito e abre espaço para coisas ruins entrarem na aldeia, como a de soberania e desunião, um parente querer mais que o outro ou até mesmo problemas como drogas e o crime.

Fala, ainda, do preconceito sofrido pelos indígenas quando andam pela cidade. No verso “por que nos matamos e morremos?” traz

uma profunda reflexão de tantos anos de luta e me faz pensar se progredimos, realmente, nessa luta.

Tupã¹²



¹¹ Letra da música anexo 7.

¹² Letra da música anexo 8.

Resistência Nativa¹³



A música “Tupã” de autoria do grupo Bro Mc’s faz uma grande reflexão de como nosso povo é visto desde antigamente, trazendo grandes pautas e vários exemplares de como a sociedade ver o “índio”. Logo no primeiro verso eles citam “Só o tempo vai dizer o quanto nós sofremos, Pra você ver, uns morrendo, outros vivendo no proceder” essa é uma dura realidade que persegue os povos originários do Brasil

desde a época colonial. Desde então nosso povo sofre e, de lá pra cá, não tivemos muitas mudanças pois o indígena continua buscando seu lugar.

Em seguida, os versos “matança droga violência afeta toda comunidade, Batalha sangrenta, e os que sofrem racismo preconceito vivem como podem, mas na Comunidade prevalece a humildade sempre levando a palavra de verdade através do rap, mostrando a nossa realidade, periferia da cidade, aldeia” relatam o dia a dia de como é em muitas aldeias que ficam perto de periferias ou cidades grandes.

Esse é um problema que afeta não apenas uma etnia e sim várias, pois ainda hoje o termo ser indígena é associado a coisas “ruins”. Outra referência interessante que foi citada nessa composição é “pesquisar e tentar entender o porquê do suicídio, acha que não tem nada a ver com isso, mas Pelo contrário eu te digo, você é tão culpado como que antes aqui chegaram” e “rap nativo é nois Tekoá, maioria já passou por depressão, ter motivação, se levanta irmão” que abordam o tema suicídio que é vivenciado em muitos povos indígenas, trazendo assim um pedido de atenção quanto a saúde mental entre nosso povo.

Reconhecendo a magnitude do impacto dos agravos de Saúde mental sobre as populações indígenas brasileiras, que interferem drasticamente no bem viver e na organização Social destes povos, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) produziu um material com vistos à qualificação da

¹³ Letra da música anexo 9.

Abordagem do sofrimento psíquico das populações indígenas. Historicamente, as ações de saúde mental ou atenção psicossocial organizaram-se a fim de oferecer cuidados a diferentes situações de sofrimento psicossocial nas comunidades envolvendo, por exemplo, pessoas com problemas devido ao uso prejudicial de bebidas alcoólicas e/ou outras Drogas, situações de violências e suicídios e outros agravos relacionados. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019)

A falta de saúde de qualidade gera as reivindicações, principalmente pelas juventudes que veem seu povo sofrendo pela falta da mesma. Assim como foi citado em partes da música, infelizmente as drogas se tornaram, também, um problema de saúde muito grave em muitas aldeias, uma vez que prejudica o bem-estar mental e físico dos indígenas. Vemos que essa reivindicação de saúde está muitas vezes ligada com o território. É importante destacar também que a proximidade da cidade coloca os indígenas da reserva com vários problemas próprios do mundo dos brancos, como poderíamos citar, por exemplo, o excessivo consumo de álcool e demais drogas consideradas ilícitas, tanto por parte dos adultos quanto por parte dos jovens, assim como nos conta Carvalho (2021).

Na música “Resistência Nativa” de autoria do Bro Mc’s com participação do rapper Kunumi Mc e o grupo Oz Guarani vemos o verso que diz: “De diploma na mão, no rolê, no proceder novamente pelas ruas de São Paulo. Gostamos de morar no mato, cola junto aliado muitos nos deixou, mas a luta não acabou,” que faz referência aos estudos. Hoje em dia, a educação de qualidade é primordial para que possamos reivindicar e lutar pelos direitos além de que precisamos

aprender o que dizem todas as leis e planos que o governo nos impõe para não sermos passados para trás. Com essa reivindicação de educação conseguimos chegar a universidades, e todo conhecimento ajuda na luta indígena, por isso precisamos fortalecer e preparar a base também.

2.4 Wes Tupinambá



Figura 4: Wescritor

Fonte: <https://images.app.goo.gl/oKE9NvZoXHaBzWra6>, acesso em 22 Ago 2023.

Wescritor, nome artístico de Wesley Tupinambá, nascido e criado em São Vicente, com origens na Aldeia Itapoã Tupinambá de Olivença, onde vive o seu avô, José Ramos Amaral, mais conhecido

como Ancião Amaral. Wescritor tem 24 anos e aos 18 anos mudou-se para Santos, onde mora atualmente. Ingressou no teatro em 2014, conhecendo a literatura mais a fundo. “Em 2015, comecei a escrever muitas poesias, foram dois anos assim. Me apaixonei pelo Fernando Pessoa, é meu mestre, minha base”, afirma.¹⁴

Na virada de 2017 para 2018, ele começou a experimentar o rap, colocando suas poesias na batida lofi. Passou o ano de 2018 inteiro escrevendo até que em 2019 foi o seu alavanque, se jogando para o mundo da música. O rapper aborda pautas indígenas e reverbera ancestralidade nas rimas. Transita entre letras de resistência, reflexivas, sobre amor e sentimentos. O artista se jogou de cabeça no mundo da música em 2019 e desde então, além de singles, coleciona os seguintes trabalhos solo: EP *Corpos Laranjas*, *Mixtape T.R.A.P.*, *Mixtape Comunicação* e o EP *Dela*. Além da qualidade dos sons, Wescritor já possui clipes marcantes, como *Caos Indígena*, *Modificado* e *Exemplo*, segundo o portal Blog'nroll.

Tupinambá na Baixada Santista (música em coautoria com Kuaray O'ea)¹⁵



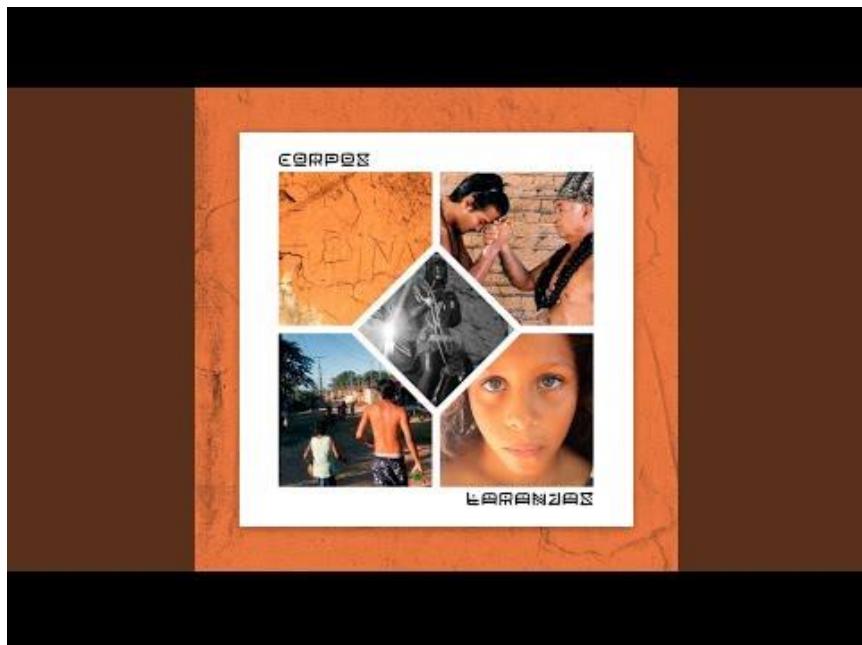
Essa música na minha opinião fala de territórios que foram roubados e que hoje são as cidades, fala da importância de manter a conexão com suas tradições e seu território, mesmo que esteja em outro lugar. Como em toda música falamos de nós já, sabendo que existem outros que compartilham da mesma Vicência e que vão se

¹⁴ Entrevista em <https://blognroll.com.br/pega-a-visao-isabela-dos-santos/wescritor-rapper-tupinamba/>

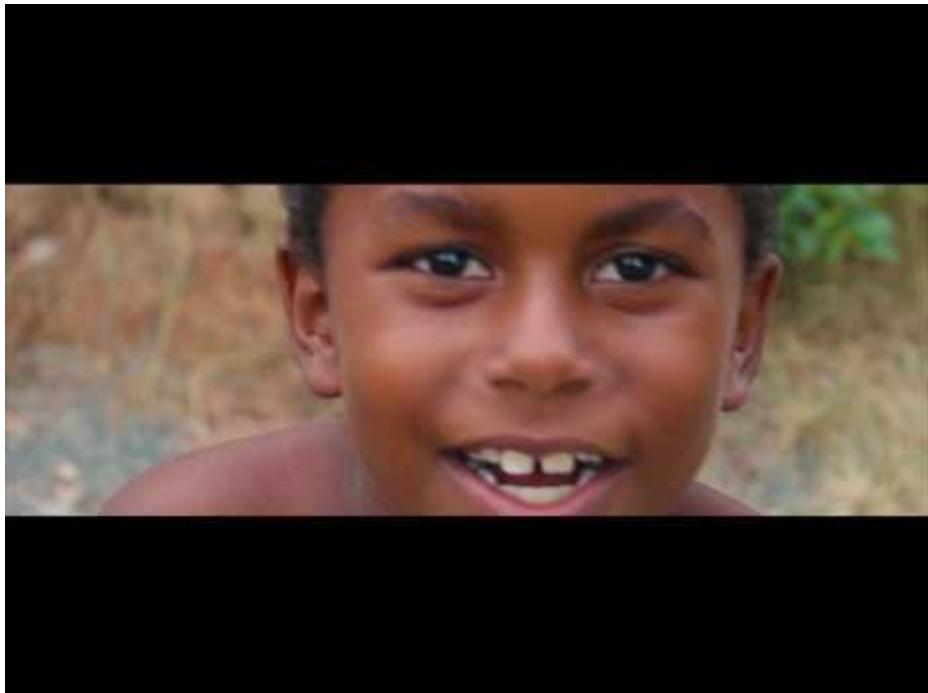
¹⁵ Letra da música anexo 10.

identificar com a letra. Quando vou para Belo Horizonte tento trazer o máximo da minha cultura e da minha vivência, até mesmo para me sentir mais perto do meu território. Isso também é saúde e é um pouco do que é a “retomada” indígena através do rap.

Tupinambá¹⁶



Caos Indígena¹⁷



A música Tupinambá de autoria de Wescritor aborda o território e seu “eu” como indígena, já que o território faz parte do ser indígena uma vez que tratamos como se fosse extensão de nosso próprio corpo. Como diz meu pai, “se a terra é sadia nós também somos”.

Muitas juventudes indígenas não conhecem realmente a extensão de seu território que foi tomado na época da invasão. Ouvem por relatos ou histórias dos mais velhos, ainda estão se reencontrando com seu território, seja sua aldeia/cultura ou seu eu como indígena daquela etnia.

¹⁶ Letra da música anexo 11.

¹⁷ Letra da música anexo 12.

Hoje no rap indígena muito se fala sobre o território pois é umas das principais, se não a principal reivindicação de um povo, tendo espaço em muitas letras de rap, sendo associado a proteção, saúde, educação e existência de um povo.

Um acontecimento sobre os velhos é que, atualmente, são desconfiados e passam isso para os jovens. Sempre que entra um projeto ou equipe querendo estudar no território, eles desconfiam por causa do histórico de roubos que nosso povo sofreu. O Cacique Babau Tupinambá, sobre o território, nos diz que “Chega alguém dizendo que é dono e que quer isso ou aquilo. Aí você vai procurar reagir para sobreviver, porque sabe que fora dali você não tem vida. Todo o significado da sua história está lá” (OLIVEIRA, 2021, s.p)

O território também é visto como guardião dos saberes e da história de um povo, por isso o medo de perdê-lo e a coragem para defendê-lo. Isso é mostrado em algumas letras de rap como nessa música do Wescritor no verso: “Alguns não sabem a dor Da prepotência Do ego Desse sistema lixo Aprisionando mente Desde que pisaram aqui Meu povo ingênuo acreditou Que tua má fé não existe”.

Um ponto que também está ligado a questão território indígena é a preservação da natureza que vemos nos versos que dizem “Punho cerrado Vocês mereceram isso Árvores sagradas caem Não vejo falando dos índio”.

Os territórios Indígenas estão entre as principais barreiras contra o avanço do desmatamento no Brasil. Nos últimos 30 anos, as terras indígenas perderam apenas 1% de sua área de vegetação nativa, enquanto nas áreas privadas a perda foi de 20,6% (MAPBIOMAS, 2021, sp)

A música “Caos indígena” de autoria de Wescritor também remete a questão do território de uma forma um pouco diferente, como vemos no refrão “é retomada mano é retomada”, que é tomar de volta algo seu. Pode soar muitas vezes agressivo, pois passa o sentimento de não esperar que nos entreguem o que roubaram e nós temos que ir pegar de volta.

No verso “Eu vou fazer por nós, 519 já sem voz Chega disso, é o recomeço” temos ainda mais esse sentimento de fazer algo e agir diferente do passado. Dessa maneira vemos muitos raps que falam de conseguir de volta o que perdemos por nós mesmos, já que a reivindicação pelo território muitas vezes não é ouvida ou aceita pelo governo.

Associamos esse recomeço ao rap pois é um jeito atual de luta e é um jeito novo de retomar nossa voz.

CAPÍTULO 3

Reivindicações dos jovens indígenas através do rap: Território, Saúde e Educação.

Desde os primeiros *raps* até atualmente percebemos que a maioria tem um mesmo foco: buscar melhorias e mostrar o que sofrem os povos indígenas em um cotidiano na aldeia e fora dela. Assim, vemos muitos raps de protesto e reivindicações e, como nos últimos anos perdemos muito em direitos no que diz respeito a Saúde, Educação e Território, apresentarei de que maneira jovens indígenas reivindicam esses direitos através de suas letras de *rap* e o que transmitem nessas letras sobre os temas.

Os povos indígenas têm o costume de ensinar seus jovens e prepará-los para quando forem adultos ensinarem seus filhos sobre nossas lutas, tradições e costumes. Assim, essas reivindicações são antigas, passadas até as juventudes atuais que, por sua vez, achou um jeito “atualizado” de lutar. O protagonismo indígena em suas lutas por direitos não pode ser visto como algo recente, os *rappers* desbravam agora com *mikes* em novas frentes o que já foi feito só de arco e flecha (DAS NEVES, 2021, p. 109)

Dentre todos os direitos que buscamos, os três principais são o território, a saúde e a educação que, na maioria das vezes são reivindicados nessa ordem, pois se temos nosso território temos um lugar para nos curar, buscar saúde para a natureza, receber seus cuidados e dos nossos encantados. Uma vez que temos saúde,

buscamos a educação: hoje em dia somos roubados por leis, documentos e planos que, para muitos de nós indígenas são palavras difíceis, textos que não entendemos. Então, agora a luta se tornou também com papel e caneta, não só com arco e flecha, e como dizem nossos velhos “Temos que lutar de igual para igual com os não indígenas”.

Assim, o território tem o papel de segurança se tornando nossa base onde podemos começar a praticar nossa cultura, costumes e crenças e onde podemos criar nosso futuro. Na falta desse território, os indígenas automaticamente procuram cidades aumentando, infelizmente, casos de violência e preconceito contra nós. A saúde se tornou indispensável pois ainda temos que buscar tratamento não indígena principalmente quando temos um contato direto com cidades, fazendas, garimpos, dentre outros. Devido esse contato muitos territórios sofrem com doenças as quais os tratamentos devem ser na cidade. Assim, devemos ficar bem para depois buscar nossa cura tradicional tanto do corpo e espírito quanto da natureza que nos rodeia.

A educação se tornou primordial nas aldeias como forma de aprendizado do mundo não indígena e como forma de guardar e repassar os aprendizados do nosso povo. Assim, os jovens indígenas buscaram maneiras diferentes de lutar por esses direitos e uma dessas

maneiras foi através do rap com letras fortes e batidas que acompanham essa força. Os jovens puderam falar da terra que foi tirada dos parentes que foram mortos pelos brancos, mas também puderam mostrar sua língua tradicional, as pinturas de proteção e, assim, o rap se tornou um aliado das juventudes indígenas na forma de buscar direitos e de denunciar crimes contra seus povos.

Vemos que, para apresentar suas reivindicações, é necessário estudo e vivência. Muitas vezes alguns rappers foram forçados a abandonar seu território ainda crianças, crescendo na cidade em meio a conflitos, ameaças de invasores não indígenas, más condições de vida, além do preconceito, da violência e da constante perda de seu território. Tudo isso os inspiraram a lutar por esses direitos e por mostrar sua luta através da arte. Inspiraram outros indígenas a fazer o mesmo, principalmente as juventudes indígenas que entendem que as novas tecnologias podem somar muito com as lutas do movimento indígena.

Com os tempos atuais também buscamos formas novas de lutar e, assim, no rap posso contar uma história e denunciar o que meu povo sofre assim como outros povos.

Assim,

“a experiência que é inerente à narrativa garante a esta uma redefinição de seu significado que é transcendente e aberto, o que relaciona a memória ao tempo futuro, readequando aquela a este”.
(BORGES, 2017, p.64)

Dessa forma, a

narrativa do rap indígena está conectada á experiência dos MC's, independente de aculturação

da atual geração formada pelo rap para apontar sua versão da história ou para promover suas lutas. Os rappers indígenas trazem consigo a manutenção dos valores tradicionais de seu povo, desde a oralidade até sua visão perante a modernidade proporcionada pelo não indígena (DAS NEVES, 2022, p.106).

Na minha vivência de indígena Pataxó e rapper tento ao máximo escrever e cantar sobre o mundo indígena que vivo desde que nasci e sobre o não indígena que aprendo a viver cada dia. Minha cultura no rap é uma forma de tentar acabar com essa visão de que somos os indígenas de 1.500 ou aqueles indígenas criados pelos “brancos”.

Meus raps contam minha vivência e a vivência dos povos indígenas em geral.

O rap se tornou um aliado forte na luta pela causa indígena de maneira que se tornou um porta-voz das reivindicações do nosso povo. Assim vejo que é de suma importância sua parceria com a educação, principalmente a indígena, seja nas aldeias ou em universidades, ajudando a desconstruir o racismo e o preconceito com esse estilo musical.

Precisamos levar nossa mensagem.

A troca de conhecimento é muito importante nesse meio como cita Edmar Fonceca das Neves em seu trabalho “Rap Indígena Uma nova forma de visibilidade e denúncia do indígena no século XXI”.

Por ter sido preciso mais conhecimento técnico sobre as demandas desse estilo na cena para uma indústria capitalista, um dos professores convidou um rapper não indígena do grupo Fase Terminal para ir conhecer o grupo Brô Mc's em uma apresentação escolar. (...) algo que vai além da soma das

consciências individuais dos integrantes e que constitui um pensamento coletivo dos envolvidos – em decorrência do compartilhamento de valores que explicitariam a divisão do trabalho (técnico). (DAS NEVES, 2022, p. 106)

Como a educação nos possibilita lutar sem precisar do arco e flecha, o rap também pode fazer, além de formar um pensamento crítico e criativo em nossos jovens. Falo tanto sobre juventudes indígenas e luta, pois, atualmente essas juventudes têm se destacado em frente a reivindicações antigas de maneira bem atual. Nas redes sociais, por exemplo, percebemos os movimentos e articulações dos jovens e é, também, desse jeito que os rappers vêm se mostrando e ganhando espaço.

Com isso, as lutas e reivindicações dos velhos foram passadas agora para as jovens lideranças que fazem de uma maneira atual. Devido ao preconceito, o movimento de rap indígena teve que criar seus espaços e aproveitar os poucos que são oferecidos, por isso quando se fala de rap Indígena não podemos esquecer do grupo Brô Mc's e sua trajetória, não diminuindo e esquecendo outros artistas tão importantes para esse movimento.

Vejo que o rap pode ser uma metodologia de ensino pois também traz aos jovens reflexões e ajuda produzir conhecimento sobre si e sobre seu povo na sociedade, além de expressar sua realidade contando sua vivência, sua cultura e suas lutas.

Minhas rimas

Espero que minha rima vire flecha servindo quem precise usar
Antes que vire centavos e cédulas e o sistema vem roubar
Ouvi desde pequeno que os txihihãe sempre “teve” o melhor pisar
Seguindo o rastro de quem passou antes mas com sua forma de andar
Conexão perco a percepção quando a força me chama
Eu ouço o maracá preciso então defender meus irmãos
Minhas letras ganham força e eu preciso usar
Mesmo que eu pise no concreto sem a aldeia por perto
Meus naô vão me achar, mas onde ando sigo esperto vou deixar
Nos meus versos awery kana ymamaka tanara aprendo com o sol Minha
vó lua na aldeia ou na rua escrita leva o que tenho a falar
o beat complementa a música poesia de luta com o poder de poder
reinvindicar
niamissu mätxo cada mc que tá nesse corre a buscar vitória pra sua
Aldeia quebrada sua terra confia que o topo é seu lugar
suniatá’irá uî atxohã pataxó
konehõ upâ tanara nionehõ upâ ãgohó
muka’irá kahã pakhê pâx r a p
suniata’irá pakhê pâx r a p
muka mukau txihihãe xohã
awery tanara kahã ymamakã

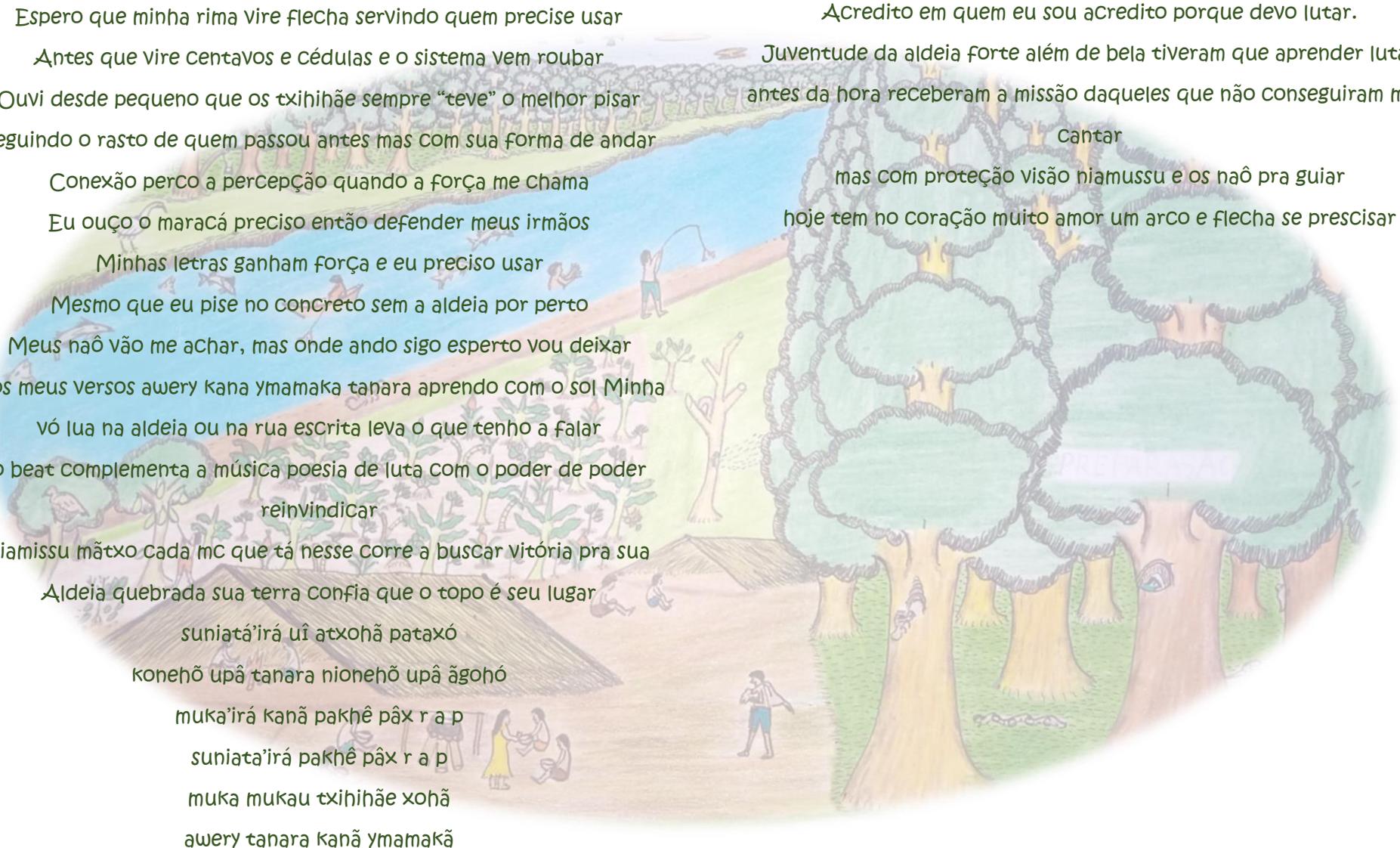
Agradeço niamissu agredo iõ mayõ

Agradeço a ãgoho txibá

Acredito em quem eu sou acredito porque devo lutar.

Juventude da aldeia forte além de bela tiveram que aprender lutar
antes da hora receberam a missão daqueles que não conseguiram mais
Cantar

mas com proteção visão niamussu e os naô pra guiar
hoje tem no coração muito amor um arco e flecha se prescistar



Referências Bibliográficas

Brô Mc's. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Br%C3%A7o_Mc%27s>. Acesso em: 22 Ago 2023.

DE CARVALHO, Rodrigo Amaro. **O rap indígena como guerra e cultura: desentendimentos entre jovens e antigos acerca do ÑANDEREKO**. Revista Mundaú, 2021, n.10, p.70-91.

FIORROTI, Thiago Henrique, e ZANETI, Izabel Cristina. 2017. **Tragédia Do Povo Krenak Pela Morte Do Rio Doce / Uatu, No Desastre Da Samarco / Vale/ BHP, Brasi.** *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 6 (2), 127-46. <https://doi.org/https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i2.p127-146>.

JUSTINO, Guilherme. **Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso.** Disponível em: <<https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/entenda-a-crise-de-saude-entre-indigenas-yanomami-e-o-que-a-devastacao-na-amazonia-tem-a-ver-com-isso.ghtml>>. Acesso em: 22 Ago 2023.

Kaê Guajajara. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ka%C3%A9_Guajajara>. Acesso em 22 Ago. 2023

MAPBIOMAS BRASIL. Terras indígenas contribuem para a preservação das florestas. Disponível em: <<https://mapbiomas.org/terras-indigenas-contribuem-para-a-preservacao-das-florestas#:~:text=Os%20Territ%C3%B3rios%20Ind%C3%ADgenas%20>

O estudo foi de 2020 a 2025. Acesso em: 22 Ao 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Atenção Psicossocial aos povos indígenas: Tecendo redes para promoção do bem viver. BRASIL, 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Atencao_Psicossocial_Povos_Indigenas.pdf. Acesso em: 22 Ago 2023.

DAS NEVES, Edmar Fonseca. **Rap indígena**: uma nova forma de visibilidade e denúncia no século XXI. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2022. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ecces/6695>>. Acesso em: 20 Jun 2023.

OLIVEIRA, Danilo. **Cacique Babau**: cientista da resistência, devoto dos saberes ancestrais e patrono do direito à terra. Disponível em: <<https://agenciadecomunicacao.uneb.br/cacique-babau-cientista-da-resistencia-devoto-dos-saberes-ancestrais-e-patrono-do-direito-a-terra/>>. Acesso em 22 Ago 2023.

ANEXOS

Anexo 1.

Letra da música ‘Tokêrê ver os kitok Txây (quero ver os meninos bem)’ de Isaque Pataxó.

Tokêrê ver os kitok txây
(quero ver os meninos bem)
maturêbá bem preservada miäga amanu'xo tokêrê goya
(mata bruta bem preservada, agua limpa quero beber)
jikitayá suniatá (suniatá)
(os passarinhos cantar (cantar)
toêrê ver os kitok txây, maturebá bem preservada
(quero ver os meninos bem, mata bruta bem preservada)
miäga aman'xo tokêrê goya, jikitayá suniatá (suniatá)
(aguá limpa quero beber, e os passarinhos a cantar)
kahab'xó naxoxí'irá akã, kahab'xó pahu'irá akã
(vivo voando alto, vivo sonhando alto)
kahab'xó naxoxí'irá akã, kahab'xó pahu'irá akã
(vivo voando alto, vivo sonhando alto)
wêrâ'xó suniatá suniatá taputary
(tento cantar cantar parente)
wêrâ'xó wekanã wêrâ'xó werimehy
(tento paz tento amor)

wêrâ'xó suniatá suniatá taputary, wêrâ... wêrâ'i
(tento cantar cantar parente, tentar... tentarei)
tokêrê ver os kitok txây, maturêbá bem preservada
(quero ver os meninos bem, mata bruta bem preservada)
miäga amanu'xo tokêrê goya jikitayá suniatá (suniatá)
(aguá limpa quero beber, e os passarinhos a cantar)
petõi puhuy petõi akuã ikhã'i tanara tarakwatê tupã
(tem arco tem flecha lutarei natureza forte trovão)
petõi puhuy petõi akuã ikhã'i tanara tarakwatê tupã
(tem arco tem flecha lutarei natureza forte trovão)
patxitxá'ã apêtxienã paresé dxahá tanara, dxahá tanara
(fiz um som para natureza, para natureza)

Anexo 2.

Letra da música ‘indígena ilimitado’ de Isaque Pataxó.

olha onde está o indígena venceu
olha o indígena falando de amor
olha o indígena portando iphone
será que foi a FUNAI que mandou
essa daqui eu escrevo pra aqueles
que pesam que nos somos bicho do mato
ouso provar que a essência do perfume não condiz com o frasco
“com esse cabelo tu não é indígena”

“um índio negro nunca ouvi falar”

estude um pouco mais sobre a história miscigenação já ouviu falar?

É difícil é ser indígena aqui é difícil ser negro aqui

não pode ser você aqui, não pode se vestir assim

olha onde está o indígena venceu olha o indígena falando de amor

olha o indígena portando iphone

será que foi a FUNAI que mandou

não, não, não foi

são muros e muros seguimos quebrando

são vários dos meus que estão se formando

retomando faculdade ocupando os espaços

colecionam preconceito normalmente em um frasco

vocês acham graça do que é tristeza

vocês sempre falam que vitimismo

por que você não foi chamado de macaco

lamento dizer mas existe o racismo

a todo momento que eu entro no shopping eles olham pra mim com o

olhar meio estranho

mulato, neguinho a coisa tá preta e meu coração branco

branco porque quero paz, porque quero paz to plantando amor

“somos ser humano, nós somos iguais”

me lembro o que o Lázaro Ramos falou

olha onde está o indígena, venceu

olha o indígena falando de amor

olha o indígena portando iphone sera que foi a FUNAI que mandou

claro que não, não foi...

“somos humanos povo, mas espera aí somos humano!?”

Mas porque vocês branques nos veem como animais?

Selvagens bicho do mato, ah mas eu não faço isso tukumã , meu parabéns já gosto de você porque é isso que infelizmente que muitos de nós ainda escutamos quando a gente vai na cidade, lutamos pela igualdade racial mas também pela equidade racial, temos diversidades respeitem nossa cultura nossa crença e nossos sagrados”.

Anexo 3.

Letra da música ‘Nuhâte!’ de Isaque Pataxó.

Txihi, txihi,
força da natureza
olha quanta beleza que ha em ti,
que há em ti
força foco fé e visão, estratégia esperança e determinação
resistimos, resistimos, existindo o “nois” aqui
tipo até o último índio mas nos não vamos sucumbir
não ao marco temporal PL 490
grana é bom e vocês gosta mãe natureza lamenta
um tiro de direita um tiro de esquerda deixa os “passarim” sem asa
mas “continuamo” aqui dentro da mata dentro de casa
vidas indígenas importam meu levante é pela terra
nos estamos na batalha queremos vencer a guerra
nuhâte apuãg nuhâte apuãg

Txihi, txihi, força da natureza olha quanta beleza que ha em ti
que há em ti

A arma de fogo superou a minha flecha
Minha nudez se tornou escandalização
Minha língua mantida no anonimato
Kaê na mata, Aline na urbanização

Anexo 4.
Letra da música ‘Território Ancestral’ de Kaê Guajajara.

Alô mãe, você sente minha falta?
Porque eu também sinto falta de mim
Alô mãe, canta que o corpo transpassa o tempo
E nos faz resistir

Mesmo vivendo na cidade
Nos unimos por um ideal
Na busca pelo direito
Território ancestral

Deixei meu cocar no quadro
Retrato falado, escrevo daqui
Num apagamento histórico
Me perguntam como eu cheguei aqui
A verdade é que eu sempre estive

Vou te contar uma história real
Pindorama (território ancestral)
Brasil (tekohaw tekohaw)
Demarcação já!
No território ancestral

Vou te contar uma história real
Um a um morrendo desde os navios de Cabral
Nós temos nomes, não somos números

Pra me manter viva, preciso re-existir
Dizem que não sou de verdade
Que não deveria nem estar aqui
O lugar onde vivo me apaga e me incrimina
Me cala e me torna invisível

Anexo 5.
Letra da música ‘Minha Voz’ de Kaê Guajajara.

Ainda vejo seus olhos atrás de mim
Seus tiros ainda me seguem
Eu não vou cantar mais pra você dormir
Minha voz agora tá curando você
Ainda vejo seus olhos atrás de mim
Seus tiros ainda me seguem

Eu não vou cantar mais pra você dormir
Minha voz agora tá curando você
Vem manter o espírito intacto sem
Arara cantando
Vem manter o espírito intacto sem
Água jorrando
Vem manter o espírito intacto sem
Comida chegando
Seu maior medo é estar na minha pele
Seu maior medo é estar na minha pele
Um plano em percurso no tempo
Sabemos o preço da ignorância do homem
Um plano em percurso no tempo
Disse pra quem nasceu depois que eu não existo de novo
Tentando tirar minha vida pela comida
Um plano em percurso no tempo
Foi vários de nós que virou pardo naquela fila
Vem manter o espírito intacto sem
Arara cantando
Vem manter o espírito intacto sem
Água jorrando

Vem manter o espírito intacto sem
Comida chegando
Seu maior medo é estar na minha pele
Seu maior medo é estar na minha pele

Anexo 6.
Letra da música ‘Kaê’ de Kaê Guajajara.

Eu era uma guerreira
Conectada com o todo
Recebendo através dos meus sonhos
Missões dos meus ancestrais
A cada palavra, uma frequência
A cada ação, uma semente
Que brota com minhas próprias mãos
Antigamente eu corria o mundo
Pássaros levavam minhas mensagens
E me ensinavam a cantar
Hoje desvio das barreiras
Fecho os olhos pra maldade não me encontrar
Cante mais alto o som dos nossos ancestrais
Cante mais alto o som dos nossos ancestrais
Cante mais alto o som dos nossos ancestrais
Ezegarahy zanerámuz ker wà zegar wer
Nas mesmas ruas que eu sou o alvo
Sou o mesmo ancestral que veio antes de mim

Ando nas ruas com os pés descalços
Vivendo no lixo acumulado
Nas mesmas ruas brilho além do asfalto
Plantando sementes mentais
Pra você me perceber
A falta da ref me fez criar um estilo novo
A falta do rosto me fez achar que eu tava morto
A falta de direitos me fez entender quem eu sou de novo
Eles nos assistiram cair, sem saber quem somos
Cante mais alto o som dos nossos ancestrais
Cante mais alto o som dos nossos ancestrais
Cante mais alto o som dos nossos ancestrais
Ezegarahy zanerámuz ker wà zegar wer
Nas mesmas ruas que eu sou o alvo
Sou o mesmo ancestral que veio antes de mim
Ando nas ruas com os pés descalços
Vivendo no lixo acumulado
Nas mesmas ruas brilho além do asfalto
Plantando sementes mentais
Pra você se perceber
Nas mesmas ruas que eu sou o alvo
Sou o mesmo ancestral que veio antes de mim
Ando nas ruas com os pés descalços
Vivendo no lixo acumulado
Nas mesmas ruas brilho além do asfalto

Plantando sementes mentais
Pra você me perceber

Anexo 7.

Letra da música ‘Eju Orendive’ de Brô MC's.

Aqui o meu rap não acabou
Aqui o meu rap está apenas começando
Eu faço por amor
Escute, faz favor
Está na mão do senhor
Não estou para matar
Sempre peço a Deus
Que ilumine o seu caminho
E o meu caminho
Não sei o que se passa na sua cabeça
O grau da sua maldade
Não sei o que você pensa
Povo contra povo, não pode se matar
Levante sua cabeça
Se você chorar não é uma vergonha
Jesus também chorou
Quando ele apanhou
Chego e rimo o rap guarani e kaiowa
Você não consegue me olhar
E se me olha não consegue me ver

Aqui é o rap guarani que está chegando pra revolucionar
O tempo nos espera e estamos chegando
Por isso venha com nós

Nós te chamamos pra revolucionar
Por isso venha com nós, nessa levada
Nós te chamamos pra revolucionar
Aldeia unida, mostra a cara

Nós te chamamos pra revolucionar
Por isso venha com nós, nessa levada
Nós te chamamos pra revolucionar
Aldeia unida, mostra a cara

Vamos todos nós no rolê
Vamos todos nós, índios festejar
Vamos mostrar para os brancos
Que não há diferença e podemos ser iguais
Aquele boy passou por mim
Me olhando diferente
Agora eu mostro pra você
Que sou capaz, e eu estou aqui
Mostrando para você
O que a gente representa
Agora estamos aqui

Porque aqui tem índio sonhadores
Agora te pergunto, rapaz
Por que nós matamos e morremos?
Em cima desse fato a gente canta
Índio e índio se matando
Os brancos dando risada
Por isso estou aqui
Pra defender meu povo
Represento cada um
E por isso, meu povo
Venha com nós

Nós te chamamos pra revolucionar
Por isso venha com nós, nessa levada
Nós te chamamos pra revolucionar
Aldeia unida, mostra a cara

Nós te chamamos pra revolucionar
Por isso venha com nós, nessa levada
Nós te chamamos pra revolucionar
Aldeia unida, mostra a cara

Anexo 8.
Letra da música ‘Tupã’ de Brô MC's.

Só o tempo vai dizer o quanto nós sofremos
Pra você ver, uns morrendo, outros vivendo no proceder
 Tem que ter para se viver
 Se não tem, então tenta
Matança, droga, violência afeta toda comunidade
 Batalha sangrenta

E os que sofrem racismo, preconceito vivem como podem
 Mas na comunidade prevalece a humildade
 Sempre levando a palavra de verdade
Através do rap, mostrando a nossa realidade
 Periferia da cidade, aldeia
 A vida mais parece uma teia
 Que te prende, te isola
Não quero tua esmola nem a sua dó
 Minha terra não é pó
 Meu ouro é o barro, onde piso, onde planto
Que suja esse sapato quando vem na reserva fazer turismo
 Pesquisar e tentar entender o porquê do suicídio
 Acha que não tem nada a ver com isso
 Mas, pelo contrário, eu te digo
Você é tão culpado como os que antes aqui chegaram
 Mataram e expulsaram um índio da terra
 Mas agora é guerra, mas agora é guerra
 Xe ru, Tupã, aiko ne ndive
 Nhandereko hetá omano

Pra defender nhandereko
 Xe ru, Tupã, aiko ne ndive
 Nhandereko hetá omano
Pra defender nhandereko
 Xe ru, Tupã, aiko ne ndive
 Pra defender nhandereko
 Ape, awa revoltado
 Ogueru rechuka
Brô representar para defender
 Hetá omaño esteja com Tupã
 Onde quer que for, olhe por nós
Tenha fé, meu povo, que tudo irá mudar
 Vamos buscar um novo mundo
 Com nhandereko, será diferente
Estamos de pé graças a Deus, assim que é
 Nunca estaremos a sós
Eu sei que lá de cima o Tupã está olhando por nós
 O Tupã
 Pra defender

Anexo 9.
Letra da música ‘Resistência Nativa - Owerá’ de Brô MC's.

Rap nativo owaen
Ogueru mbarete

Oxauka nhanderekó	Yapu overá
Tekoa py jaikó are	Tupā kuery oguata
Xondaro kuery Jajopy rã guyrapa	apita petyngua
Nhama'en Nhenderekóá re	Aporandu anhente gua
Kyringue onhevangá awâ	Pyntunguy ojepe'a
Jaguata jupive	Kyringue oguata
Tupā kuery ogueru mbaraete	Pyntunguy ojepe'a
Japita petyngua, nhaporandu nhanderupe	Ka'aguy ojekua
Kó mbya'a guaxu, oin awã nhandevype	Koape anhe'e, koape hae
Tekoa py roikó, moborai roguereko	Bro oguahe upecha Jae
Roikó orerekó, mbarete ayvu aé aju ajapó	Ruralista ohapy ka'aguy omboja cherehe
axauka anhenteguá, ndevy pe mbaexá pá,	Kua'atia, haiha, Che nhe'é optyta imbarete
Mbya ete tekoa re oikó	Mata queimando, fumaça subindo,
Jurua ka'aguy ojuká	buruvicha fazendo piada,
ko nhande yy omongy'a	Lavem caveirão derrubando barraco,
Mbaexá kyringue oikórã	tiro e tiro em cima do povo.
Peitxa yvyrupá ombovaiparã	É guarani, é kaiowá, somos tachados de vagabundo
Opy'i re oiké	Haetegua koape hae,
haeveté	pe'e ndo katui peje mbaeve
nhandevypê	Po che aime ape anhe'e
Oirã mbarete	Mbaraka, taguá hyapu
Jareko nhande opy	rojegua ore roju
javy'a wã	Haetegua ndo kanyi che hegui
Nhanderu ombojera	Voz ativa, nativo kaiowá guarani
Ka'aguy porã	Resistente guerreiro, estamos de pé

Jaha nhande guera pra esse rolê
Enterovetea peju chendive
Salve as mulheres guerreiras que lutam batalha
Kunhague nhande sy
enterovetea jachuka
Kunumi, Oz guarani a Bro Mc's
Ogueru ohechuka ko haetegua
MS, SP, peju pende ave
Koape ko nhande nhaguahé nhande ave
MS 67, ape rap imbarete
Makadexi firma forte
Rima nhe'é nhande ndive
Brô Mc's, OZ Guarani,
filhos da terra, estamos aqui
Itakupé pyguá MC
De diploma na mão, no rolê, no proceder
novamente pelas ruas de São Paulo.
Gostamos de morar no mato, cola junto aliado
muitos nos deixou, mas a luta não acabou,
genocídio continua mas a mídia não mostrou.
Sou Xondaro que restou,
vim falar de amor, eu não sou o promotor
floresta nativa, somos protetor,
Do alto da montanha, filhos do Tupã
Revoltado,

Em estado não pensa da mesma forma,
nas aldeias continua a reza,
nossa voz é por nós
Areko txembo guejy rery
o arquiteto do universo, Tupã.
Somos o futuro que o passado tentou apagar,
um dia a gente ensina a real disciplina
rapper Xondaro na voz,
rap nativo é nois
Tekoá, maioria já passou por depressão,
ter motivação, se levanta irmão
outra vez a chuva vem,
me mostra quem é quem
eu só quero fazer o bem.
Mais moradia, menos violência!
Salve salve rapaziada,
aqui é nós, Brô Mc's
junto e misturado, assim que é!
Sou da mata, sou da selva
sou da terra, sou herdeiro.
Não pago pau pro fazendeiro,
não me calo, não desisto.
Militante da luta
Guarani Kaiowá
ka'águyreregua,

é nós na fita pode pá
demarcação já!
Che rente guera õ sofrer ko yvyrere
enquanto vocês comemora,
meu povo largado na beira da estrada,
comendo farelo, bebendo saloba,
dentro de um barraco com cheiro da mata,
Ko apê aporareì a mombeu raetegua
ava, mitã, ko jeguá
koyvyre rasé
enganado pelo sistema,
abandono cultural.
Não ao marco temporal
NÃO!
Nosso luto vira nossa luta porque somos sementes.
Sepe Tiaraju, Galdino pataxó, Paulo Paulino Guajajara, Aritana,
Xejaryi Bernaldina
ha egui xondaro e xondaria kuery
que encantaram vivem em cada um de nós.
Não sei se vocês não indígenas vão me entender mas me diz se tô
errado se puder
Pantanal regua oin nhamombeu
wa erã ka aguy de toda Abya Yala okai pa oin nyn
Juruá opu ã raxa ha éramo nhamõnõ õ
nhande i wa é ha ejawi iporayu kue

aldeado ha egui tentã pygua
nhãnhen moinrumba jaity awã ko sistema opressor
ijayu oinyn que nós indígena civilizados e integrados
mãjé nhande kuai injustiças raxa ojapó
nhande povo re
Ko ape che ajú ko achuká.
Ko rima ko ape ko imbarete
Ko ape ñaimê ñamdekuêra.
Ko ape ñamdeko jajú jachuká
Mba'echaguapá ko ape. Ko ha'e tee
Ko ape ko rima namde jajapô. Ko ape há'e jopará
Rap nativo ko ape na ativa. Sistema akâre ko odispará
Ko ape ko rap há'e guarani. Mbaretê ko ñe'e ko ape kaiová
Mborahei ko ape gatilhado. Anike katú reptyá remoská
Ko ape ko brô mcs. Primeiro onguahê o rimá
Che rap ko okomesá. Che batalha ko ape ko aguerahá
Ko ape rap mborahei. Overáma ra'ema ko luz de esperança ko ape
oguatá
Ko angã ñamde mbaretê. Avákuera ñe'e ko ape imbarete
ko angã ñamde jachuká. Mba'epa ko há'etee
Hetama ko ahechá opaichaguá. Umi karaikuera há'ekuera ojapô
ñamde aváre
Ko ape ko ñamde ko avakuêra. Mdo katui ko japará ñamopuã ñamde
avápê
Etonce ejapysaká mba'echa . Ko ore rima ko ape imbarete ko ape ko

rochuká

Ko ape ko rojú romopuã. Avá escada yvatê rombojupí ko jajupi
Não adianta tenta nos calar
koape ore mbarete
Mensagem koape aguery
Rap guarani owahē, mbaretepe koape roime
Karai koape oikuase, mba'epa koape ro'e
Ha'ente um pouco de tudo, mba'epa koape ojehy
Sistema koape ojyka, awape ha'e kuera odesima
Ka'aguyre mbojako tata
Ko anõ ja hecha tanto sofrimento ko ywyrehe
Brô mc's primeiros do brasil omombe'u há'e tegua
Ejapusaka ejara nde mbaraka terehoke ejheguia
Riqueza koape achuka, karai enquanto opuka
Haha'i kuatíare aha ,kaiowa koape owahe
Ne'ẽ guarani aguery, tekohape batalha ndopai
Etonce koangua reikua
Mba'epa koape awa reunido numa banca
Roguery ro hechuka
Guarani kaiowa bya, mboriah y koape ndai pori
Tanto sofrimento koangua jahecha
Soque ore mbytepe ndaipori
Filhos dessa terra originário kaiowa
Preparado pra batalha de manhã
Tupã koanga nhande rowasa

Anike reptya, mbojypike nde pô, ejuke che ndiwe
Awa kuera ndiwe, rap originário ndiwe
Nação indígena, koape oime originário kuera

Anexo 10.

Letra da música 'Tupinambá na Baixada Santista' de Wes Tupinambá em coautoria com Kuaray'ea

você é Índio daqui,
cê já viveu por aqui,
então honre os encantados
que te protegeram aqui.
por todas ruas, Tupi.
não foi à toa, nasci.
descalço pé na terra de Tupiniquim & Guarani.

parente fique viva
como disse Brisa. (fique viva)
dance, sorria, chore,
seja água nativa.

percorra tua mil léguas
atrás de tua conquista,
é que uma busca honesta,
vale mais que mil falsas tentativas.
some na trajetória

o espaço é para todos.
parente, não inveje o outro parente
 isso é coisa de colono.
 isso atrasa nossa força,
 impede esse retorno.
 que a retomada seja simples:
 ser, mas sem ser dono.

e a minha verdade é apenas
do meu povo... mais de 300 em Abya Yala,
 tenta nos cercar de novo!?
 guenta que essa é nossa força!
 peita o solo, chão e tronco!
 “faça seu corpo brilhar”
...já disse a força quem nós somos.
e como caminhamos, acompanhados sempre.
 desde pivete abençoado, salve São Vicente.
 por todas ruas quentes, crente que vamo virar!
tá pra nascer mais movimento do que esse meu girar.

então rasga o peito, fala!
 tá com maldade, rala!
 se não somar na retomada
 a onda vai te levar!
 então rasga o peito, fala!

tá com maldade, rala!
se não somar na retomada
 a onda vai te levar!
é tanta semente no peito nem parece que tá sem camisa.
 pequeno menino pequeno,
 guerreiro da flecha assertiva.
é tanta semente no peito nem parece que tá sem camisa.
 pequeno menino pequeno,
 guerreiro da flecha assertiva.

e se, Seu Amaral não tivesse vindo
 pra Santos, criado 5 filhos com
 a força do pai Tupã
 vencido a estatística do homem
nordestino que abandona sua família
 por ter sido corrompido

foi diferente e até quem sabe um retorno
Indígenas da costa sempre honram o que foram (é a costa!)
 fosse tua vida a ponte pra nossa corrida
 graças ao seu Bernardino hoje narro esse retorno

difícil é manter o laço e a conexão
no mundão vâo, concreto e chão

essa bolha chamada cidade
todos se dizem caiçara e natureza
mas tão pouco se fudendo pro quanto que isso aqui vale

Tupinambá na Baixada Santista.
mais que uma bio,
eu pus no mapa a frequência indígena.
sem desrespeitar quem sempre esteve aqui.
mas eu incomodo bem no meio de gente fascista,
que age com cinismo, mas no final respeitam Corpos Laranjas que
brilham.

que se entenderam como povo e não mais só uma vida.
tem gente que tá do meu lado e não entendeu a corrida,

e tudo bem gente da luta também tá perdida
é a famosa dor inversa de opressor e oprimido
e eu não os culpo, todos nós adentrados,
todos nós doloridos, cansado e pra esse cansaço,
mais comprimido.

013 Território Indígena

o chá que cura na cidade nem faz mais sentido.
o pé na terra não tem espaço por aqui.
o som da mata eu não consigo mais ouvir.
o pôr do sol que lá me salva, aqui alivia por uns dia.

Nhambopu mbaraka'i
Nhambopu ywyrawe'i
Txondaro a'e txondaria
nhamombaraete em si
Somos o povo da mãe terra
Me diz pra que tanta guerra
Se tudo que temos ou olharemos é dela
Nhandetsy ywy ywyra idja kwera aporandu
pende wy pemanha porã nhande ka'aguy gwi rodju

Dizem que sou estrangeiro, que eu vim de longe
Indígena incomoda, passando de iPhone
Guerras acontecendo, câ vê mas tu se esconde
População de bobeira passando fome?
Tu acha graça e some
Menino e tu é omi
Bate na mulher em casa depois vem pagar de pose
Uma palavra destrói uma nação
Um gesto simples destrói uma cidade inteira
Manipular quem ama só por diversão
Tipo holocausto só que de brincadeira
Meus ancestrais plantaram em mim tudo que tenho
Plante uma árvore ao invés de maldade
Já tem tanta coisa ruim acontecendo

Bora vivenciar o amor de verdade

então rasga o peito, fala!

tá com maldade, rala!

se não somar na retomada

a onda vai te levar!

então rasga o peito, fala!

tá com maldade, rala!

se não somar na retomada

a onda vai te levar!

é tanta semente no peito nem parece que tá sem camisa.

pequeno menino pequeno,

guerreiro da flecha assertiva.

é tanta semente no peito nem parece que tá sem camisa.

pequeno menino pequeno,

guerreiro da flecha assertiva.

o único pedaço onde a mata respira

e sobrevive querem tirar os Guarani

pra criar shopping de passeio livre...

com ar preso, somos, teu benefício.

ao ar livre, somos, teu precipício.

estamos vivos, narro nosso retorno.

uma semente na cidade derrubando tronos.

meu corpo exala tonos,

isso te assusta.

cês vão querer ter nossa cor

brilhar feito verão em Outono

é por comida no prato dos parente que tá na ato

que tão nas br ou dentro dessa mata

é por marcar nossa terra

coisa simples que num era

pra ser discutida mas vamo,

mãos à guerra...

quem simplifica a notícia,

faz como fosse a milícia

que nos enterra e cobra o espaço de terra

que continua a farsa

só aumenta o karma

quem não se alinha aos céus

não anda pela mata

pisamos tanto na mata

deixamos marca

perdoe a nossa andança sem o Maracá

Itararé, Catiapoã, Humaitá, Pompeba

Carijós, Goytacazes, Cuiabá, Tamoyo

Vila Tupi, rua Guarani, salve rua Tupi

Adoram sempre exaltar os nossos nomes por aqui

Iporã Hêtê Aguyjевете

Anexo 11.

Letra da música ‘Tupi Mamba’ de Wes Tupinambá.

Vou ser minha própria banca
Meu próprio início vou me deparar com peito
E não cair nesse abismo
Me levem pro hospicio
Tenho amigos por la
Me deixem ser eu livre
Ou me detenham já
Pedi pros céus e tudo mais
Vir me guiar
Falei de incenso e me banhei
Com mar entendo que o amar é lá
Não sabem das minhas linhas
Não sabem do que vivo
É sufocante amigo
Não sei como consigo
Se a indecisão me acompanha
Eu vou brindar com ela
Se ela tirar todo meu sonho
Eu jogo da janela
É doloroso ser
Cria da traição

Entendo agora os porque
De tanto porque não
Joguei amor no lixo
Como quem vive disso

Como quem sabe muito mal lidar com seus caprichos
Não estiquei minha mão para quem precisava
Não dei o meu perdão
A quem tanto me amava
Estudei tanto a vida
E não serviu de nada
Prestei pra alguém na rua
Mas me esqueci de casa
Só tenho medo de perder o que eu precisava
Minha mente me enganando a todo tempo
Tipo alma penada

Tem quem tem a mente sã
Tem quem tem-la quebrada tem quem a constrói na vida
Como uma inteira farsa
Eu sou boêmio e a taça
Trinquei pra não brindá-la
Curei todos seus maus
Tipo Jesus em pautas
Feri meus manos

Isso já faz uns anos
Bolei uns planos que infelizmente
Hoje tão lá mofando
São privilégios urbanos
É privilégio, custa essa vida toda é Sol de 40 grau
Trampando a vera na lavoura
Esse egoísmo salva
Mas sei que muita mata
E quem desmata a mata
Cai e aos poucos se mata
Respeite a nós
Todo um só
Viemos desse nixo movimento lgbt mano, cadê o índio?
Punho cerrado
Vocês mereceram isso
Árvores sagradas caem
Não vejo falando dos indio
Tiram os seus direitos
De andar na rua, certo
Tiram os seus direitos, de amar na rua, certo tiraram as terras de meu
vô
Além de índio
Ele é sem teto
E isso, certo? Não, cadê que a porra ta correto somos, além de irmão
parentes

Não minto e sei quem cala
Pouco fala e quando fala ele consente
Sorriso soridente
Tipo saia de crente cabelo black solto
Por que não soltam a gente?
Temos povos tão raros *
Que tiveram o privilégio de nunca
Entrar em contato
Seja extremista demais
Julguem o que for
O que interessa é que infelizmente
Alguns não sabem a dor
Da prepotência
Do ego
Desse sistema lixo
Aprisionando mente
Desde que pisaram aqui
Meu povo ingênuo acreditou
Que tua má fé não existe revirarei essa história
Não tem mais história triste
Eu quero sorrisos aqui fora de mim
Eu quero peito invadidos pela paixão
Dos mirim
Eu quero criar renda
Eu quero que entendam

Eu já nem quero mais
Só quero que se rendam
 Minha boca fala
Mais do que vocês pensam
 Minha mente pensa
Mais do que vocês tentam
 Eu falo aqui
 Vindo de lá
 Fiz renasci
Neto de vô tupinamba
 Uma vez pra cá
 Pra não cair

vira, causa insig... nada!
 Caos em ti? não
 causa em mim!
 Caso eu queira
então, cause e fique!
 Tu
 Pi
 Nambá
 Força da mata
É clichê quem vê de fora
 mas não arrisca lá
 entra na mata

Anexo 12.
Letra da música ‘Caos Indígena’ de Wes Tupinambá

Aldeia Itapoã
Tupinambá de Olivença
 2019 sonhos

Causa indígena
 caos indígena
Causa o indígena
 casa indígena
 Oco por dentro

Causa e fica, vamo!
 Calcifica
 Enterra as índia, vai
 nega as raiz, vamo
nego é bom mas longe?
Eu vim laranja um monte
 Classifica nego, por rg
 que ces vão vê
 Não adianta ser parado
 pra ser Ser
 tem que mexer!
 Causa irrita

eu sei
Casa de vocês
é quieto e confortável
mas eu vim
Sujeito hábil
com as palavra
eu disse o horário

É retomada mano
É retomada.

Tomando o gole desse sangue
nóis viveu de monte em mangue
hoje só vai jangada pra vocês
Não é bom ser o garçom
e escolher o gosto do freguês?
Então toma!
Deixei vocês no espelho
pra enxergar vocês
Tomba!
Suas marquises
suas marquezines
Não será lá grande coisa
pra quem sabe amar a mata
Pisa em mim

que eu mato
morro, depois nasço
Sou, sem adereço
foda-se o apreço
Eu vou fazer por nós
5 1 9 já sem voz
Chega disso, é o recomeço!

É retomada mano
É retomada

Honrando não mais compromisso
nem hip hop, honrando o suor do povo
de meus avós
Honrando a minha vida
libertando eu memo
Depois que plantar forte
vai gera semente
sem veneno mas
com muita língua afiada
Tromba o porrete
e as flecha voa
Nike e Skr
é tua parada
lixo vazio

muito egocentrismo

Me dá um minuto que após isso

vão tá respeitando os índio

é retomada, eu sei

Não sou mais criado por vocês

isso assusta tanto vocês

A massa é burra, é

ainda bem que eu sempre fui o recheio

Ainda que, nem sempre estive no meio

Ainda que sei, que todo lugar foi o certo

Ainda sim me mantive e senti de perto

É dor demais, só que é, tempo demais

Então sem essa de esperar

pra soltar a voz

Lutem!